

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL**

JULIA MARIA FERNANDA MACHADO FERNANDES

**AS REPRESENTAÇÕES DA ESCRAVA NOS POEMAS DE CASTRO
ALVES NO LIVRO “OS ESCRAVOS” DURANTE A SEGUNDA
METADE DO SÉCULO XIX**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA
2012

JULIA MARIA FERNANDA MACHADO FERNANDES

**AS REPRESENTAÇÕES DA ESCRAVA NOS POEMAS DE CASTRO
ALVES NO LIVRO “OS ESCRAVOS” DURANTE A SEGUNDA
METADE DO SÉCULO XIX**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Literatura Brasileira e História Nacional, do Programa de Pós-Graduação do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Poletto

CURITBA
2012

JULIA MARIA FERNANDA MACHADO FERNANDES

**AS REPRESENTAÇÕES DA ESCRAVA NOS POEMAS DE CASTRO ALVES NO
LIVRO “OS ESCRAVOS” DURANTE A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX**

Essa monografia é apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Literatura Brasileira e História Nacional, do Programa de Pós-Graduação do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, apresentada no dia ___ de _____ sendo avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho _____

Prof. Dr. Juarez Poletto
(UTFPR)
Orientador

Prof. 2

Prof. 3

Visto da coordenação:

Prof. Dra. Naira Nascimento
Coordenadora do Programa de
Especialização em Literatura Brasileira
e História Nacional

AGRADECIMENTOS

Aos professores que ministraram as disciplinas da especialização em Literatura Brasileira e História Nacional.

Ao Prof. Dr. Juarez Poletto, pelas suas orientações e auxílios nos momentos difíceis de aprendizagem e apoio no processo de elaboração deste trabalho, bem como o acolhimento no grupo de estudos da UTFPR, na linha de Poesia brasileira: o humano, o social e o estético.

RESUMO

FERNANDES, Julia Maria Fernanda Machado. As representações da escrava nos poemas de Castro Alves no livro “Os Escravos” durante a segunda metade do século XIX. 2012. 29 f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de Pós-Graduação do Departamento Acadêmico de Expressão e Comunicação. Curitiba, 2012.

Esta pesquisa se propôs analisar os poemas “A canção do africano”; “A mãe do cativo”; “Lucia”; “*Mater dolorosa*”; “Louvor a Palmares” e “Tragédia no lar”, presentes no livro póstumo “Os escravos”, com o objetivo de identificar quais funções sociais exercia a escrava a partir da ótica do autor Castro Alves, importante poeta da Literatura Brasileira. O contexto de produção do autor durante a segunda metade do século XIX e a História Nacional Brasileira foram necessárias para descrever como Castro Alves traz as representações das negras nos seis poemas. Juntamente buscou-se comparar as escravas em Castro Alves com a escrava de outros registros bibliográficos, tanto de fontes do período como de autores da nossa contemporaneidade que abordam sobre a questão da escrava brasileira.

Palavras-Chave: História Nacional. Literatura Brasileira. Poesia. Século XIX. Castro Alves. Escravas.

RÉSUMÉ

FERNANDES, Julia Maria Fernanda Machado. Les représentations de l'esclave dans les poèmes de Castro Alves dans le livre "Les Esclaves" pendant la seconde moitié du siècle XIX. 2012. 29 f. Monographie (Spécialisation dans Littérature Brésilienne et Histoire Nationale) - Programme de *Pós-Graduation* du Département Académique d'Expression et Communication. Curitiba, 2012.

Cette recherche s'est proposée analyser les poèmes "La chanson de l'Africain" ; "La mère du captif" ; "Lucia" ; "Mater pénible" ; "Louange à Palmares" et à "Tragédie dans le foyer", qui sont dans le livre posthume "Les esclaves", avec l'objectif d'identifier quelles fonctions sociales exerçait la femme esclave dans l'optique de l'auteur Castro Alves, important poète de la Littérature Brésilienne. Le contexte de production de l'auteur pendant seconde moitié du siècle XIX et l'Histoire Nationale Brésilienne ont fallu pour décrire comme Castro Alves apporte les représentations de las noires dans les six poèmes. Il s'est conjointement cherché comparer les esclaves dans Castro Alves avec La esclave d'autres registres bibliographiques, tant de sources de la période que d'auteurs de nos jours ils lesquels abordent sur la question de la esclave brésilienne.

Mots-clés: Histoire Nationale. Littérature Brésilienne. Poésie. Siècle XIX. Je châtre Alves. Esclaves.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CASTRO ALVES: VIDA E CONTEXTO HISTÓRICO	10
3 OS ESCRAVOS	15
3.1 A CANÇÃO DO AFRICANO	16
3.2 MATER DOLOROSA	18
3.3 TRAGÉDIA NO LAR	19
3.4 A MÃE DO CATIVO	22
3.5 LUCIA	24
3.6 SAUDAÇÃO A PALMARES	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

Na primeira metade do século XIX, em 1822, o Brasil conquista a sua independência, cortando os laços coloniais com a metrópole portuguesa. A partir deste momento decisivo na História do Brasil, surge uma nação nos moldes ocidentais de uma monarquia constitucional de base liberal e Dom Pedro I é aclamado como imperador. Mas o modelo econômico da nova nação americana permaneceu inalterado: de produção agrária, monocultor, exportador e escravista.

A primeira Constituição Brasileira elaborada em 1824 estava assentada na ideologia liberal, que teoricamente considerava todos os cidadãos iguais e livres, no entanto, mantinha-se a escravidão com base no direito de propriedade. Foi necessário que muitas décadas passassem para que a situação se transformasse no Império.

Ainda em 1880, o Brasil permanecia na lista de países que mantinham a instituição da escravidão. No Brasil Império já havia manifestações demonstrando o descontentamento e a oposição à situação do escravismo, como no caso do baiano Castro Alves que alcançou proeminência nacional com seus versos de denúncia contra a escravidão e a injustiça, adquirindo caráter social e humanitário.

Enquanto “poeta dos escravos”, Castro Alves também não deixou de contemplar em seus versos o sofrimento das figuras negras femininas e infantis. Neste trabalho, delimitaremos a figura da escrava, que durante o período de escravidão no Brasil esteve inserida no quadro produtivo de trabalho compulsório assim como o homem, com o diferencial de ser a maior encarregada da reprodução de novas gerações e que, no entanto, teve sua condição feminina negada enquanto mulher e mãe, na maior parte da história brasileira da escravidão.

A partir da leitura da obra póstuma intitulada de “Os escravos” de Castro Alves (1847 – 1871), publicada em 1883, doze anos após sua morte, analisaremos seis poemas: “A canção do africano”; “A mãe do cativo”; “Lucia”; “*Mater dolorosa*”; “Louvor a Palmares” e “Tragédia no lar”, os quais foram selecionados porque revelam características do cotidiano das escravas e que foram representados sob a ótica de Castro Alves durante a segunda metade do século XIX.

O objetivo deste trabalho é analisar as funções sociais presentes nos poemas escolhidos do livro “Os escravos” para compreender como Castro Alves

entendia o papel da negra na sociedade de seu tempo. Para que isto se efetive, faz-se necessário descrever como Castro Alves traz as representações das negras nos seis, dos 34 poemas do livro “Os escravos” e comparar as escravas em Castro Alves com a escrava descrita em outros registros bibliográficos, tanto de fontes como de autores da contemporaneidade.

A poesia de Castro Alves é um importante referencial para a História Nacional, pois reflete aspectos da organização sócio-política do Segundo Império e da tradição brasileira caracterizada, desde o Brasil Colônia, como escravocrata, oligárquica e agropecuária.

Os seis poemas escolhidos do livro “Os escravos” representam o olhar de Castro Alves sobre as mulheres negras escravas que ele observava em seu cotidiano e que descreveu desvelando seu meio e suas funções sociais, bem como as ideologias presentes na sua época através de seu discurso, durante a segunda metade do século XIX. Nesses poemas, Castro Alves trouxe à tona elementos da sociedade que eram secundários como as mulheres - que mesmo sendo brancas eram consideradas incapazes de ter uma produção intelectual ou ter autoridade de discurso - e como os escravos, que eram considerados geneticamente inferiores, sem alma e submetidos aos castigos físicos e morais durante todo o período do Brasil Colônia (1530 – 1822) e do Brasil Império (1822 – 1889).

Ao delimitar as representações da mulher que é negra em Castro Alves, vamos ao universo de mulheres que pertenciam a um segmento que foi explorado oficialmente durante três séculos e meio no Brasil e que também, por sua condição feminina, eram obrigadas a servir duplamente ao senhor, enfrentar a ira da senhora e não ter o direito de preservar consigo os seus filhos.

Ainda para salientar a relevância deste estudo, destaca-se a Lei 10.639 (BRASIL. Casa Civil. Brasília, 2003) de 2003, que incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino Brasileiro, a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", a ser ministrado em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura Brasileira e História Nacional. Com isto, faz-se necessário apresentar e discutir como o negro participou e contribuiu para a formação da sociedade brasileira, assim como articular a temática afro-brasileira entre as áreas de estudo, como é o caso deste trabalho que vincula a Literatura Brasileira à História Nacional.

Para iniciar a análise, é necessário conhecer sobre a vida, as condições de produção e o momento histórico em que viveu Castro Alves, para isto utilizaremos a

obra “História concisa da literatura brasileira” de Alfredo Bosi, que aborda sobre a historiografia literária brasileira, dividindo-a periodicamente segundo o critério estilístico. Sendo assim, poderemos contextualizar o poeta Castro Alves no período histórico, assim como identificá-lo na corrente estilística que pertenceu. Para elencar a produção bibliográfica e o perfil temático dos poemas de Castro Alves, utilizaremos o livro “Castro Alves” de Francisco Pereira da Silva.

O livro “Os escravos” será a fonte histórica de pesquisa, do qual analisaremos os poemas selecionados para identificar as funções sociais exercidas pelas as escravas e descrever as representações na ótica de Castro Alves.

Por fim, para estabelecer a comparação entre as representações das negras em Castro Alves com as que são descritas em alguns estudos bibliográficos publicados, utilizaremos o livro de Sonia Maria Giacomini intitulado de “Mulher e escrava: Uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil”, que esmiúça as tensões inerentes aos papéis sociais e sexuais da mulher escrava no Brasil, abordando sobre a reprodução, a família, as mães-pretas, a mulher negra enquanto objeto sexual e as relações entre a senhora e a escrava. A outra fonte será o livro “A escravidão” de Joaquim Nabuco que escreveu quando era estudante de Direito na segunda metade do século XIX e que foi contemporâneo à Castro Alves. Nabuco aborda o escravo no aspecto histórico, demográfico, jurídico e social, destacando a figura da mãe, do feto e do jovem. Em “Escravidão e cidadania no Brasil Monárquico” de Hebe Maria Mattos, a autora discute as relações entre identidade racial, escravidão e cidadania no Brasil oitocentista a partir da emancipação política do país em 1822. Já Affonso Sant’anna em “O canibalismo amoroso: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia” aborda como a morte em Castro Alves é uma denúncia social e a relação entre o poder econômico e o desejo sexual do senhor pela escrava.

O trabalho se pautará em pesquisa bibliográfica de fontes e publicações científicas. Iniciaremos contextualizando o autor dos poemas, no período histórico, na Escola Literária e sua produção bibliográfica. Em seguida, a partir da análise e interpretação dos poemas selecionados do livro “Os escravos”, identificaremos quais eram as funções sociais das escravas, descreveremos como Castro Alves traz as representações destas mulheres e em seguida compararemos as representações das negras em Castro Alves com as descritas nos estudos bibliográficos publicados e selecionados como corpus para compor este estudo.

2 CASTRO ALVES: VIDA E CONTEXTO HISTÓRICO

O Romantismo brasileiro foi dividido em três fases. O símbolo da terceira geração foi a ave que habita na cordilheira dos Andes, o condor. Assim, os escritores deste período ficaram conhecidos como condoreiros ou hugoanos e tiveram sua produção marcada pelo caráter liberal, libertário e social, refletindo as tendências universais do século XIX.

Um destes condoreiros foi Antônio Frederico de Castro Alves, que nasceu em 14 de março de 1847. Na segunda metade do século XIX, coincidindo com a infância e a juventude de Castro, ocorreram diversas transformações sociais, como a emergência e a consolidação de diversas correntes: o positivismo, o socialismo científico, o evolucionismo, o abolicionismo, o republicanismo. Ao mesmo tempo em que na América acontecia a Guerra da Secessão nos Estados Unidos e na Europa desenvolvia-se a segunda fase da Revolução Industrial que em busca de novas matérias-primas e mercados consumidores, forçou paulatinamente o Brasil a lidar com a escravidão através de leis, o que auxiliou no processo de decadência da Monarquia Brasileira.

A mão de obra escrava que se constituía como a base da economia brasileira desde a sua colonização e que foi utilizada durante séculos no país, passou a ser cada vez mais indagada a partir do Segundo Reinado. Esta mudança é decorrente do novo modelo capitalista que surgiu após a Revolução Industrial, que da Europa se expandiu até chegar aos países periféricos, como o Brasil, que era escravocrata e se apresentava dissonante do novo modelo econômico vigente, além disto, a manutenção da escravidão esbarrava no pensamento liberal. Assim, a Inglaterra pressionou pelo fim do tráfico negreiro realizado na América, no intuito de gerar novas formas de adesão aos seus produtos industrializados.

Dois anos antes do nascimento de Castro Alves, em 1845, os ingleses, através da Lei Bill Aberdeen, proibiram o comércio de escravos entre a África e a América, estando a marinha inglesa autorizada a aprisionar os navios negreiros em alto mar. No Brasil, em 1850, foi assinada a Lei Eusébio de Queiróz, que proibia o tráfico de escravos no país. Com o fim da Guerra do Paraguai em 1870, intensificaram-se os protestos desvelados pelo fim da escravidão. Com a pressão internacional e dos abolicionistas, no ano da morte de Castro Alves, o governo

brasileiro cedeu às investidas, criando, em 1871, a Lei do Ventre Livre ou Lei do Visconde do Rio Branco, que alforriava os filhos das mulheres escravas nascidos a partir da aprovação da lei, mas sem que suas mães recebessem a mesma concessão, freando a possibilidade real de haver libertação das novas gerações negras.

Castro Alves foi o segundo filho de Clélia Brasília e do médico Antônio José Alves. Sua ama-de-leite foi a escrava Leopoldina (ALVES, 1972, p. 10) que o chamava carinhosamente de Cecéu. A escrava que tivesse dado à luz poderia servir de ama-de-leite, na casa grande ou ser alugada para alguma família. Como Sonia Maria destaca: “para que a escrava se transformasse em mãe-preta da criança branca, foi-lhe bloqueada a possibilidade de ser mãe do seu próprio filho preto” (GIACOMINI, 1988, p. 57.) como aconteceu dentro da própria realidade do poeta, que aparentemente nunca percebeu divergências neste processo.

Nasceu e passou a infância na fazenda das Cabaceiras no sertão baiano, na região da cidade de Currálinho, que hoje se chama Castro Alves. Sua mãe faleceu de tuberculose, quando ele tinha apenas 12 anos, em 1859.

Veio com a família morar em Salvador em um casarão dito mal-assombrado (um esposo ciumento teria matado sua mulher com uma bala de ouro no peito). Apesar de seu pai ter recebido do Imperador Dom Pedro II a condecoração da Ordem da Rosa e da Ordem do Cruzeiro, morreu deixando a segunda esposa e os filhos em frágeis condições financeiras.

Segundo Francisco Pereira da Silva (2001), quando foi assistir a sua primeira peça de teatro, viu o seu tio que era alferes invadindo o espetáculo e clamando por liberdade. Este ideal também estava presente em outras partes do continente. Assinada pelas 13 colônias em 1776 “a Declaração da Independência dos Estados Unidos da América, de forma pioneira, declararia que todos os homens nasciam livres e iguais e tinham direito a vida, a liberdade e a busca da felicidade” (MATTOS, 2000, p. 9). Em menos de 100 anos, os Estados Unidos experimentaram a Guerra da Secessão, um conflito civil disputado pelas colônias do norte que tinham um caráter industrial e as colônias do sul que, assim como o Brasil, eram escravocratas, agrárias e monocultoras. Como descreve Hebe Maria Mattos, “após 1848 a escravidão havia sido abolida em praticamente toda a América” (MATTOS, 2000, p. 10), com exceção dos países que ainda eram colônias espanholas, do

Brasil e dos Estados Unidos, que eram países que já tinham conquistado a independência.

A mucama Leopoldina contava histórias a Antônio, mas seu pai acreditava que ele precisava de uma educação mais consistente. Na escola, demonstrou aptidão para as letras, em especial na poesia que era apresentada inicialmente em outdoors, o que revela sua tendência já para a declamação e a platéia. O seu guia foi o “satirizador de tiranos e profeta de um mundo novo” (BOSI, 1972, p. 120) Victor Hugo. Teve outras referências como Byron, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, entre outros. Frequentou a roda de poetas e intelectuais baianos.

Foi para o Recife estudar na Faculdade de Direito, que nas palavras de Francisco Pereira da Silva se constituía em um “centro de efervescência intelectual, onde os novos conceitos sobre política, sociedade e escolas literárias são discutidos e divulgados” (SILVA, 2001, p. 54). Neste período, ainda ecoavam os ideais da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade, em um país em que a esperança de um grande país ainda estava por vir. Os intelectuais buscavam definir uma identidade nacional.

Em “O Futuro”, um jornal universitário, Castro Alves gozava dos professores, manifestava-se contra a escravidão, defendia o liberalismo e fazia apreciações de poesias. O Brasil enquanto um país periférico absorvia as tendências européias de forma tardia, que adentravam no país através das faculdades, local que Castro Alves frequentava. Hebe Maria Mattos, assim como outros teóricos, entende este movimento como uma “simples importação artificial de idéias européias, que para além da defesa do livre comércio, pouco se adequavam à realidade” (MATTOS, 2000, p. 8), já que muitos padrões externos eram incompatíveis com o contexto brasileiro ou eram adaptados conforme beneficiasse os grupos elitizados.

Com a Guerra do Paraguai (1864 – 1870), Castro Alves alistou-se como voluntário da pátria, mas desistiu por problemas familiares. Foi desenhista, poeta, cronista, crítico e autor teatral. Escreveu a peça “Gonzaga ou a Revolução de Minas”, abordando sobre a Inconfidência Mineira, dando ênfase ao patriotismo e à escravidão.

Ainda adolescente apaixonou-se pela atriz portuguesa Eugênia Câmara, que tinha uma filha pequena e um companheiro. Anos mais tarde, tem um envolvimento amoroso com ela. Sua última paixão foi pela cantora florentina Agnese Murri, que conheceu em 1871.

Além das poesias amorosas, Castro Alves também fazia as de cunho sociopolítico. Através de seus poemas, denuncia a sociedade brasileira em seus costumes culturais, pois “ainda era a realidade que o cercava, o drama cotidiano: o escravo a trabalhar para o senhor, como um animal de tração, até a morte. E nem direito aos filhos. As ‘crias’ eram também produzidas para a fazenda do senhor” (SILVA, 2001, p. 90). Castro Alves via o negro sendo tratado como uma peça, um animal com seus filhos que são de propriedade do senhor branco, usadas para gerar renda, visando aumentar a sua própria riqueza a custa do trabalho compulsório. Deste modo, o poeta era contra a crueldade cometida com os escravos, defendendo a dignidade de tratamento com o negro, valorizando a sua condição de ser humano. Assim era também Joaquim Nabuco, um intelectual que defendia a liberdade e combatia o caráter desumano do tratamento que era dado aos escravos, que perdem seu descanso, seu sono, seu corpo, sua vida, seu sangue, sua alma e sua honra. Era contra o comércio da carne humana, embora desvele em seu discurso o preconceitos típicos de seu período com a religião negra em frases como: “muitos senhores de escravos me contaram a maneira como suas escravas mataram o feto no ventre e iam enterrá-lo nas matas distantes. Isso tudo é a ausência do sentimento religioso, ajudada pela fala de instrução [...]” (NABUCO, 2010, p. 21).

No Brasil, a luta contra a escravidão adensa-se com a criação de sociedades abolicionistas e a intensificação deste tema na imprensa. Em 1866, junto com outros companheiros, Castro Alves lança o jornal “A Luz”, que servia como porta voz do Grêmio Jurídico. O jornal disseminava ideais abolicionistas e republicanos, abordava sobre a política interna e externa e divulgava o circuito artístico. No mesmo ano, junto a Rui Barbosa e outros, formam a Sociedade Abolicionista. Em 1871, a pedido de seus companheiros escreve uma carta às senhoras baianas solicitando adesão à causa da abolição da escravatura. Atualmente esta carta está publicada no livro “A cachoeira de Paulo Afonso”. Na poesia, Castro Alves tem em seu nome os livros “Espumas Flutuantes” (1870), “A cachoeira de Paulo Afonso” (1876) e “Os Escravos” (1883). No teatro escreveu “Gonzaga ou a Revolução de Minas” (1875).

Já no fim da sua vida, sofre um grave acidente: dispara um tiro no calcanhar enquanto caçava. Em virtude da gangrena que se desenvolveu, o seu pé foi amputado. Convalescido e com baixa resistência, Castro Alves morreu por tuberculose aos 24 anos de idade.

O livro “Espumas Flutuantes” foi o único livro publicado em vida, pois naquele período o custo de impressão era muito elevado. Alguns livros chegavam a ser editados em Paris, o que encarecia muito o produto. Além disto, eram poucos que liam poesias.

Se por um lado as concepções liberais tomavam formas no Brasil durante a segunda metade do século XIX, por outro emergiam as construções pseudo-científicas que atrelavam as disparidades com a origem étnica, a partir da teoria do determinismo biológico e geográfico que naturalizava o quadro de desigualdade social.

3 OS ESCRAVOS

Para que a pesquisa se efetivasse, buscou-se no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), teses e dissertações acerca das representações femininas e negras em Castro Alves, assim como as produções científicas sobre o livro “Os escravos”.

Ao que condiz a temática feminina na poesia de Castro Alves, foram levantadas duas referências. A primeira, em 1999, Amadou Abdoulaye Diop, em sua dissertação de mestrado pela Universidade Federal Fluminense, apresentou “A imagem da mulher na poesia amorosa de Castro Alves”. O trabalho está atrelado ao amor carnal e à mulher sensual do poema-lírico de Castro Alves em detrimento dos demais poetas de seu movimento. Em 2008, Maria da Soledade Oliveira Rios, em sua dissertação de mestrado pela Universidade Estadual de Feira de Santana, buscou os “Tipos Femininos na Lírica Amorosa de Castro Alves”, referentes à obra “Espumas Flutuantes”.

Ao que condiz à temática negra e ao livro “Os escravos”, foram encontradas três referências. Em 2005, Christiane Maria Angélica Mesquita do Barreiro, em sua dissertação de mestrado pela Universidade Federal do Espírito Santo, procurou identificar o fluxo histórico do escravismo na poesia de Castro Alves em “Ecos d’África: a poesia social de Castro Alves”. Em 2007, Sonia Maribel Muñoz Croveto, em sua tese de doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada de “A sinfonia do sagrado em Castro Alves (Deus, Eros, e Mãe em ‘Os escravos’)”, buscou demonstrar como os textos poéticos arquitetam-se na desconstrução e reconstrução dos textos bíblicos. E no mesmo ano, Luiz Henrique Silva de Oliveira, em sua dissertação de mestrado: “A representação do negro nas poesias de Castro Alves e de [Luiz Silva] Cuti: de objeto a sujeito”, pela Universidade Federal De Minas Gerais, analisou comparativamente, a representação do negro nas poesias de Castro Alves e de Luiz Silva Cuti e mostrou como a representação do negro passa de objeto a sujeito.

A partir desses levantamentos, foi possível o direcionamento para a visão de Castro Alves sobre as escravas brasileiras a partir de sua realidade vivida na segunda metade do século XIX e que foram analisadas e articuladas com estudos

historiográficos e antropológicos sobre o assunto, assim permitindo estabelecer simbologias subjacentes aos poemas.

3.1 A CANÇÃO DO AFRICANO

O poema “A canção do africano”, escrito no Recife em 1963 (ALVES, 1972, p. 50-52), remete à vida em uma senzala pequena e úmida, onde os escravos cantam e choram pela lembrança de sua terra natal. O poema é composto por duas partes. Na primeira os escravos estão acordados na senzala durante a noite e no segundo momento, é a hora de ir dormir.

Ao cantar, a escrava olha atentamente para seu filho, encarregando-se de realizar uma marca fundamental dentro da cultura negra: a transmissão oral. Esta tradição flui de uma geração para a outra. Ludicamente a escrava ensina sobre os costumes de seu povo, suas crenças e origens, através de mitos, toadas e cânticos. Mas durante o cantar da mãe “[...] o filinho (se) esconde,/ Talvez p’ra não o escutar!” sobre as lembranças da terra de seus ancestrais e como eles vivam no passado em que se tinha liberdade, pois considerando a realidade em que vive a criança, dificilmente ela retorne a terra de seus pais ou consiga a sua alforria.

Em discurso direto, a escrava continua o seu entoar saudoso, mas o poeta deixa transparecer o seu nacionalismo através da fala da escrava: “Esta terra é mais bonita,/ Mas a outra é que eu quero bem!”, pois na terra africana existe a beleza, a família, a tranquilidade, a dignidade, a confraternização, a natureza, mas esta (terra brasileira) o poeta quer bem. A escrava só não deseja esta terra também, pois está ligada a ela pela escravidão.

Nesse poema, há uma idealização da vida na África, pois lá todos eram felizes e na lembrança, a escrava canta “Aquelas terras tão grandes,/ Tão cumpridas como o mar” tão diferente da realidade da negra de agora, que dorme na senzala amontoada com outros escravos. Todas as nações africanas escravizadas foram reduzidas as suas funções e serventias.

A escrava, ao cantar para seu filinho, também demonstra outras manifestações culturais africanas: “Lá todos vivem felizes,/ Todos dançam no terreiro”, atrelando a religiosidade à expressão corporal e à felicidade do povo,

diferentemente de como afirmou Nabuco sobre este assunto. Para ele “é um misto de superstições a religião dos negros” (NABUCO, 2010, p. 18) uma vez que o fetichismo africano foi mesclado com o catolicismo e toda a base moral africana é assentada no medo.

Em seu canto a negra também deflagra a realidade socioeconômica e cultural do Brasil Império: “A gente lá não se vende/ Como aqui, só por dinheiro.”, pois os seus senhores são movidos pela ganância, desumanizando os negros, transformando-os em mero instrumento de produção através de sua força de trabalho.

Na senzala, o negro se cala e a escrava pára o seu pranto para que o seu filhinho não acorde, deixando-o sonhar. Neste sentido, a mãe tenta proteger e eufemizar a cruel realidade que cerca as pessoas que são castigadas pela escravidão porque possuem o estigma de sua cor.

O escravo vai se deitar, pois precisa levantar antes do sol nascer, do contrário “Teria de ser surrado,/Pois bastava escravo ser”. Todas as regras precisavam ser cumpridas com exatidão e elas se estendiam para todas as pessoas que dormiam na senzala e ao sinal da menor falha já eram torturadas. Assim como os homens e os animais, as escravas eram queimadas a ferro para indicar o proprietário.

A juventude da cativa era marcada pela iniciação no trabalho pesado, Nabuco como testemunha ocular descreve: “a escrava, essa, de quinze a dezesseis anos, às vezes, nos limites da impuberdade, é entregue, já violada, às senzalas” (NABUCO, 2010, p. 37). A escrava é um ser que nasce sem honra, exposta à violência, sem proteção jurídica ou familiar. Torna-se de uso público, tem casamentos arranjados e desfeitos pelo senhor. Aos vinte anos, já está deteriorada pelo trabalho abrasivo, pelos açoites, pelas doenças que ficam sem tratamento, pela má alimentação e pelos sofrimentos da reprodução, como afirma Nabuco: “nada denota nela mais o caráter da mulher, que o do homem” (NABUCO, 2010, p. 37).

Dentro da senzala “[...] a cativa desgraçada/ Deita seu filho, calada,/E põe-se triste a beijá-lo”, temendo que o senhor vendesse o seu filho, pois os negros eram propriedade de branco, o qual estava capacitado a adquiri-los por compra, troca, doação ou herança, constituindo-se como direito alienável garantido pela lei.

3.2 MATER DOLOROSA

Escrito em 1865, no Recife, “*Mater Dolorosa*” (ALVES, 1972, p. 53-54), já no seu título estabelece uma intertextualidade com a Virgem Maria, que sofreu por ser mãe de Jesus e ainda viu seu filho ir até o calvário e morrer na cruz. O mesmo ocorre com a escrava negra, que antes de seu morrer filho, sabe que ele irá sofrer. Ambas, Virgem Maria e escrava, apesar do sofrimento, compreenderam que chegou a hora da morte para seus filhos, assim como a mãe retratada pelo dramaturgo inglês Nathaniel Lee que aparece na epígrafe no início desse poema. Essa mãe prefere mumurar e lembrar do filho ao invés de chorar, pois também compreendeu que ele deveria morrer.

A negra, em sua profunda tristeza, sabe que o filho “[...] dorme o sono eterno/No berço imenso, que se chama – o céu” e roga que sua alma encontre um lugar onde se possa ter conforto, como ela deu ao filho. Ao chamar o céu de berço, a negra resigna-se com a morte do filho. Sabe que, mesmo estando em outro plano, “longe, tão longe vais de mim florir”, pois há a esperança que o filho está melhor na morte do que na vida e neste sentido a criança em vida é a extensão de seu sofrimento. O filho está morto defronte para si, deitado “nas folhas secas do sombrio chão!...”, porque na visão da mãe, o mundo terreno só pode lhe oferece dor.

Em “*Mater dolorosa*”, o poeta-homem-branco tenta colocar-se no lugar da escrava-mãe-negra que vive a angústia de sua condição social, dando voz à ela, uma mulher pertencente a um segmento oprimido e submetido aos interesses comerciais, familiares e sexuais de seus proprietários. Sonia Maria destaca que “a ocorrência de gravidez, maternidade e lactação transformavam-se em penalidade adicional para as escravas e os casos não infreqüentes de abortos e infanticídios poderiam indicar uma dimensão de resistência escrava” (GIACOMINI, 1998, p.13), uma vez que o senhor branco passa a ser privado de uma de suas fontes de renda, ainda que primeiramente signifique uma situação extrema de desesperança.

Neste poema, Castro Alves traz à tona o dilema moral de uma mãe que prefere sacrificar sua criança ao saber que a sua sina é ser escravizada. Será que uma mãe prefere a morte do filho ao sofrimento?

Mesmo com dor, ela diz “filho, sê livre... Sou feliz assim.../” e pede: “perdão, meu filho... se matar-te é crime.../ Deus me perdoa... me perdoa já.”. Dentro de uma

visão branca, cristã e dominante, ela busca na morte do filho e na força divina a resignação e a absolvição de ter levado o seu filho à morte. Como coloca Affonso Sant'anna: “Nesse sentido, a ‘morte’ passa a ser o seu oposto, sinônimo de ‘liberdade’ e ‘salvação’” (SANT’ANNA, 1987, 60). Assim, “o poema de Castro Alves é o do protesto através da morte” (SANT’ANNA, 1987, 54), dirigindo-nos para um olhar singular, em que a mãe ao matar o filho, oferece uma situação mais digna que a escravidão.

3.3 TRAGÉDIA NO LAR

Escrito no Recife em 1865, “Tragédia no Lar” (ALVES, 1972, p. 65-77) retrata uma africana sentada no chão na pequena senzala úmida, embalando o seu filho e cantando lentamente. A criança ri com o gesto da mãe, mas se assusta com os barulhos que vêm de fora. A negra é a protetora que dá suporte as inseguranças do filho. A mãe canta para o menino não chorar. Inocente, a criança não entende o sentido do canto lamurioso que vem “do fundo, materno olhar,/”.

Em discurso direto, a mãe canta: “feliz da araponga errante/ Que é livre, que livre voa”. A negra deseja ser a ave, que tem o domínio dos céus e da liberdade e quer ser a araponga que, além de ser um representante da fauna brasileira – o que enfatiza o nacionalismo – faz longos voos migratórios.

Em outro trecho a negra continua: a araponga “canta longe do caminho/ por onde o vaqueiro trilha./”. Ao cantar longe, a araponga desvia a atenção do vaqueiro sobre seu ninho e afasta-o do local onde está o filhote, protegendo-o. Assim também gostaria de ser esta mãe escrava, a fim de poder salvar seu filho. A canção antecipa a possível tragédia, pois a mãe não é a araponga. O vaqueiro é a pessoa que conduz os animais e tem o comando sobre o que está nas extensões de seu pasto, assim como o senhor que tem a posse de um grupo de escravos e faz com que eles obedeçam às suas ordens.

A araponga “se quer descansar as asas/ Tem a palmeira, a baunilha/”, ao contrário da realidade da vida da escrava, que é obrigada a trabalhar exaustivamente e que tem não tem a palmeira, não tem propriedade privada ou algo que lhe pertença, não tem a possibilidade de preservar os seus amores, não tem

alguém que a receba, assim como a palmeira acolhe a araponga. A araponga “tem as campinas, [...]”, que são extensas, diferente da “[...] senzala, úmida, estreita”. Tem também “[...] as flores, /”, ou seja, a alegria e a vivacidade. Já a negra não tem mãe, filhos, lar ou flores, pois em sua vida de escrava os laços familiares e afetivos são dissolvidos pela ambição econômica de seu dono, que compra e vende humanos. Assim como “o ventre da escrava é explorado, não apenas como o lugar do desejo erótico, mas também como espaço onde se consubstancia o poder econômico” (SANT’ANNA, 1987, 49). A escrava era utilizada para produzir enquanto mão-de-obra, mas também era objeto sexual, local de satisfação do senhor e reprodutora de escravos, o que tornava lucrativa a instituição da escravidão, uma vez que havia o o condensamento da prática social do poder com a do prazer.

O canto é interrompido pela chegada de homens de “sinistro olhar”. Na senzala, a negra é indagada “o que nas dobras do vestido ocultas? /”. O olhar desconfiado do branco leva a mãe a aumentar as suas cismas e medos, pois ela sabe que os homens que chegaram representam perigo para o filho. A escrava ouve do branco “tens a noite no corpo, a noite na alma/ Pedra que a humanidade pisa calma. /”. Ao ser tratada desta forma, o poeta demonstra que essa mulher não tem saída. O racismo está presente nas relações. Pelo fato de ser negra, a mulher foi inferiorizada e hostilizada, sem que o branco sentisse remorso por isto, pois dentro da ideologia racista na sociedade brasileira, isso era natural, mesmo às vésperas da queda da escravidão.

Manifestando abertamente sua adesão à causa anti-escravocrata, o poeta intima:

Leitor, se não tens desprezo
De vir descer às senzalas,
Trocar tapetes e salas
Por um alcouce cruel,
Que o teu vestido bordado
Vem comigo, mas ... cuidado ...
Não fique no chão manchado,
No chão do imundo bordel.

Este chão é manchado pelo suor e pelo sangue, mas também marcado simbolicamente pela cobiça que garantiu o desprezo das diferenças étnicas; pelos maus tratos; prostituição forçada em que as negras da senzala eram submetidas. Nesta parte o poema critica os soberbos e os complacentes e convida: “vinde ver como rasgam-se as entranhas” da nova raça de prometeus. Essa figura mitológica

grega roubou o fogo, representando a busca pelo conhecimento. Ao entregá-lo para os mortais, recebeu um castigo eterno: ficar acorrentado enquanto era consumido em vida por uma águia que devorava seu fígado. Assim como os escravos são mortos em vida pelos senhores. Esta nova raça tem a sua alma assassinada diariamente “[... nos vivos mausoleus]”, sepulcros estes conhecidos como senzalas. Como afirma Sant’anna:

[...] a senzala, como espaço associado ao espaço da casa-grande, significa também o espaço segregado para o exercício impune e violento do sexo. A senzala e o corpo escravo, enfim, vão ser a válvula de escape das tensões acumuladas na casa-grande (SANT’ANNA, 1987, 53)

Neste sentido, o senhor exerce a sua posse econômica e social por meio da subjugação erótica. Assim as escravas tinham sua sexualidade atrelada as determinações de seu segmento, que vivia oprimido pelo domínio patriarcal.

E a “negra serpe, que enraivada,/ Morde a cauda, morde o dorso,/ E sangra às vezes piedade,/ E sangra às vezes remorso?.../”. Assim, pela revolta em aceitar a situação de escrava, reprodutora e objeto sexual, a negra chega aos liames da loucura, entra em conflitos consigo mesma. Tem piedade da situação dos companheiros e da progênie, mas sente pesar por nada poder fazer além de submeter-se às imposições para poupar sua vida e de outros ou extrapola as barreiras e comete atos que podem só trazer mais sofrimento físico e emocional.

Na senzala, o senhor exige da negra o seu filho, informando aos compradores “é forte, de uma raça bem provada/”, indicando a prática de distinguir as etnias africanas, conforme as aptidões. A mãe, que é interpretada pela voz do poeta demonstra-se convertida aos valores brancos, rogava “a virgem santa [...]” e em seu desespero materno implora: “deixai meu filho... arrancai-me/ Antes a alma e o coração”, já que o filho é o único conforto para quem não tem mais a pátria, o lar, a honra, a alma. Sem ser atendida, o desespero leva a mãe a agir de modo tempestuoso, quer “morder os cães que o morderam.../”. E como em uma virada de jogo, em defesa do pequeno que ainda nem fala, a mãe negra enfrenta com ira os homens brancos, mas eles, com seus “punhais traiçoeiros”, matam outros negros que querem ajudar a mãe. Os compradores levam a criança “a chorar” e a mãe vai para o tronco e endoidece.

Escravos também eram negociados em anúncios de jornais, para venda ou aluguel, podendo a escrava ir sozinha ou com seus filhos. Sonia Maria recupera em

fontes da época, como o Jornal do Comércio publicado em 24/07/1850, propagandas oferecendo mães escravas: “Na rua Espírito Santo há uma ama-de-leite para alugar, parida de 8 dias, sem pensão do filho.” (GIACOMINI, 1988, p.54 apud JORNAL DO COMÉRCIO, 1850). Assim, para a mãe e os filhos se manterem juntos, dependia da escolha do comprador ou locatário em ficar ou não com os filhos. Mulheres e crianças que tinham uma relação maternal ficavam, em função do comércio humano e das necessidades dos brancos. As escravas com seus filhos tendiam a possuir um menor valor, uma vez que os pequenos não realizavam nenhuma atividade braçal e, por outro lado, geravam gastos, ainda que ínfimos.

No período da escravidão brasileira, as amas-de-leite eram vistas como inoculadoras de má educação nas crianças, por possuírem uma cultura de raízes africanas, diferente da dominante e terem grande contato com os filhos do branco. Deste modo, a escrava negra, por sua condição de mulher, desempenha diversos papéis indispensáveis dentro do universo do trabalho, mas é hostilizada pela família senhorial justamente porque para desempenhar muitas destas funções sociais era necessário estar dentro do circuito interno da casa grande como cozinheira, ama-de-leite, mucama e assim foram apontadas como deturpadoras do núcleo familiar branco.

3.4 A MÃE DO CATIVO

Em 1868, em São Paulo, Castro Alves escreveu o poema “A mãe do cativo” (ALVES, 1972, p.120-123) que começa com uma epígrafe de duas estrofes do poema “A mãe polaca”, do poeta Mickiewicz, que estabelece uma intertextualidade com a Virgem Maria que, ao pressentir o destino de seu filho, tenta resguardá-lo.

O poema, dividido em três partes, representa a negra como a mãe zelosa, que balança sua criança na rede que ela amarrou entre os galhos, mas para o poeta, melhor teria sido se a mãe estivesse cavado a cova para o seu filho, a fim de que ele fosse poupado de destino de dor e sofrimento.

Dirigindo-se a esta mãe, após trabalhar o dia inteiro, diz a voz lírica: “[...] fias à noite/ As roupas do filho na choça de palha!”. E mais uma vez a voz lírica acredita

que antes melhor fosse tecer um pano branco de mortalha para envolver o corpo do pequeno.

Esta mãe, também é detentora do conhecimento de mundo e responsável em passar ensinamentos, explica “que existem virtudes e crimes no mundo”. Esta mulher negra que transmite os valores morais é igualmente conselheira, recomendando ao filho “que evite dos vícios o abismo profundo...”.

Ela também ocupa o papel social de motivadora, insuflando de esperança para que isto seja um conforto revigorante aos mais novos, ainda que na visão do poeta, esta mulher negra é “[...] louca, (porque) sacodes nesta alma, inda em trevas,/ O raio da espr'ança... Cruel ironia!”. Ironia que surge na impossibilidade de o cativo ser tratado com igualdade e ocupar o mesmo patamar de um branco dentro de uma sociedade escravocrata, como era a brasileira. A negra escrava desenvolve no filho a reflexão e os valores humanos como a sensibilidade, ao passo em que para a manutenção da hierarquia escravocrata, os brancos através da justificativa ideológica os inferiorizam por serem dóceis, logo domesticáveis e que portanto, mereciam ser tratados como animais.

O poeta roga para que a mãe escrava não desperte na alma do filho a palavra e as ações de Jesus, o “[...] Martir da Cruz”, porque o seu filho já vive em uma desgraça, desta forma melhor “que morra sem luz”, na ignorância e na inesperança ao invés de carregar na alma o desejo de liberdade que talvez nunca possa experimentar.

O poeta constatando a realidade, com ironia sugere à mãe do cativo: “ensina a teu filho – desonra, miserias,/A vida nos crimes – a morte na dor.”. Ela deve cantar e assim ensinar aos filhos, que também são escravos, que aprendam a ser covardes, mesmo sendo escurraçados; que se acostumem com a vida de sofrimentos; que se desonrem ao não reagir ao ver a irmã sendo abusada; que aprendam que o árduo trabalho é recompensado com açoites e uma rala alimentação; que aprendam a dormir no desconforto do chão; que os jovens saibam da impossibilidade de se manter um amor e que o marido entenda que sua mulher pode ser estruprada pelo senhor. Se a negra ama, ela deve ensinar aos seus desde pequenos, o sentimento de resignação “ou tece-lhe o pano da branca mortalha”, porque dentro da estratificação social só lhes cabe a subserviência.

3.5 LUCIA

O poema “Lucia” (ALVES, 1972, p. 153-159) foi escrito em abril de 1868, em São Paulo. De cunho amoroso, o poeta traz a exaltação da natureza logo no primeiro verso “na formosa estação da primavera”, período do ano que tem como características o renascimento, a juventude, a beleza, a alegria, assim como é a escrava Lucia. O eu-lírico e Lucia corriam como “[...] - crianças”, indicando a pureza e a inocência da relação entre os dois, que passeavam nas dependências da fazenda: no pomar, na cachoeira, na plantação.

O poeta a descreve: “Morena...esbelta...airosa, eu me lembrava”. Ela era leve, bela, alegre, graciosa, meiga e seus olhos negros foram comparados às “[...] plumas noturnas da grauna/” e “sua boca era um pássaro escarlata,/”. O seu cabelo também é descrito com suavidade, eles eram “[...] anelados/”. Carinhosa com a família e tão amada pelo eu lírico, que passou do estado da paixão para o amor paternal, como vemos nos versos: “que te queria tanto e que te amava/ Como se fosses filha e não cativa”.

Diferentemente dos demais poemas, a figura feminina dessa escrava é idealizada como uma mulher branca, no entanto, Lucia não é ambicionada com desejo carnal, pois “a liberdade do poeta (Castro Alves) nas relações amorosas com as mulheres brancas se complementam na luta contra a opressão erótica de negras e negros.” (SANT’ANNA, 1987, p. 50).

A escrava Lucia ocupava um papel diferenciado dentro de seu universo, pois era a alegria da fazenda e “tua senhora ria-se, contente,/Quando enlaçavas seus cabelos brancos/”. Deste modo, há uma suavização da realidade escrava, levando a crer que havia relações harmônicas entre senhores (as) e escravos.

Tempos depois, em um período de dificuldades, Lúcia precisa ser vendida. O poeta nesses versos amorosos retrata, dentro da perspectiva dos grupos dominantes, o modo como é a vida dessa escrava: “foi preciso te ergueres do banquete/ Deixares teu lugar aos mais convivas.../”. Assim, entende-se que a cativa era bem alimentada e adorada por todos, não causava invejas ou estabelecia diferenças. A vida escrava nesta fazenda não gerava sofrimento e o tratamento oferecido a todos era digno. Até os animais estavam em harmonia: “cantava o galo, alegre no terreiro,/”.

Lucia antes de partir, se despede da natureza e sofre por saber que nunca mais irá retornar àquela terra, emergindo um sentimento de apego ao solo, afirmando amar aquela terra.

Na parte final no poema, denominada de epílogo, há o reencontro do eu-lírico e de Lucia, em uma estrada do sertão. Lucia está magra, pálida, triste, maltratada. Foi reconhecida, pelo seu cantar, que era pesaroso. Perdeu o brilho da juventude. Ao ser chamada, Lucia ficou feliz e ao mesmo tempo extremamente envergonhada, da condição degradante em que ficou com o passar dos anos e pelo pesado trabalho. Acaba por fugir no meio da mata, como se fosse culpada. Nada foi feito pelo homem que se dizia apaixonado para resgatar a ex-escrava. Foi Lucia que teve que ceder seu lugar à mesa para que os demais pudessem continuar o banquete. Ou seja, a aparente harmonia na fazenda e a relação de fingida igualdade entre senhores e escrava se desfizeram, assim que a necessidade apertou. Lúcia, portanto, nunca fora tratada como igual, ela representava apenas um enfeite à mesa, pois era bela e agradável, como uma boneca que se movia, mas não como ser humano.

3.6 SAUDAÇÃO A PALMARES

“Saudação a Palmares” (ALVES, 1972, p. 168-170) foi escrito em 1870, na Fazenda de Santa Isabel. Traz grande exaltação à natureza e revela o Brasil, como o país onde há grandes contradições: “Salve! – país do bandido! / Salve! – pátria do jaguar!”, indicando que aqui se esbanja exuberância natural, terra onde vive a onça-pintada, mas onde também falta o senso de equidade, de justiça e da aplicação das leis, o que criou uma das faces da identidade nacional brasileira: a do “jeitinho”, em que para tudo pode-se fazer um contorno. Pode-se aceitar a escravidão, em uma sociedade com princípios liberais. Pode-se inferiorizar as pessoas para justificar o lucro do comércio escravo. Pode-se açoitar para garantir a obediência e manter a ideologia racista. Pode o senhor abusar da negra e o mulato viver entre a senzala e a casa-grande, como escravo.

Palmares é a “[...] região dos valentes”, o quilombo que entre todos é o mais conhecido como centro de resistência negra à escravidão no Brasil, estabelecido na

Serra da Barriga, onde hoje é o município de União dos Palmares, em Alagoas. No poema de sete estrofes, praticamente duas são dedicadas à mulher escrava, o que, em relação ao período histórico de Castro Alves, era uma ousadia.

Lá em Palmares, a crioula de seio escuro respeita a sua dignidade, pois “nunca deste ao beijo impuro”. Não cede aos desejos dos homens e nem usa de sua feminilidade em troca de benefícios, porque se guarda para um nobre amor. Lá as mulheres fugidas são aclamadas de “negra Diana selvagem”. Na mitologia grega, Diana era a deusa da lua e da caça e conhecida como deusa pura, por ser virgem, assim também é a negra dos Palmares.

A negra é amazona – guerreira da Antiguidade e da América do Sul – que bate e luta. A mulher defende esse espaço de liberdade como o homem, combatendo. Homens e mulheres são tratados como iguais. A mulher negra mostrada é ideal: suas formas são saudáveis e belas, seus valores não são profanos. Elas são sublimes, comparada a Diana e às Amazonas – mulheres guerreiras e livres. Numa condição de liberdade, portanto, a mulher negra não difere da branca, pois tem nobreza, valores, dignidade e talvez seja até vista pelo poeta com mais liberdade que a mulher branca.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem grandiloquente de Castro Alves em sua poesia abolicionista é um sinal de que a denuncia que faz não caberia em palavras comuns. Na sua poesia marcada pelas hipérboles, antíteses e metáforas está a luta abolicionista de Castro Alves, a qual se insere dentro do ideal democrático, que traria a igualdade entre os homens através da República. A queda da monarquia levaria consigo suas instituições, entre elas a escravidão. Ainda que em seus versos ou nos textos de seu contemporâneo Joaquim Nabuco transpareçam idéias defasadas e ideologias pertencentes aos grupos dominantes, podemos compreender que, mesmo enquanto homens de seu período e influenciados por condicionantes maiores, havia um ideal ousado de tentar findar com a escravidão através do engajamento e da denúncia da realidade.

Em decorrência de sua condição de escrava, a mulher negra tinha que desempenhar as mesmas atividades do que o homem escravo negro, assim como estava passível de ser vendida, comprada ou alugada para exercer diversas funções. As mulheres negras ocupavam um papel diferenciado pelo seu valor reprodutivo, pois geravam lucros ao senhor e davam continuidade às gerações escravas. No entanto, não recebiam um tratamento diferenciado pela sua condição de mãe, ou seja, as negras não eram respeitadas ou ganhavam momentos para se recuperar após o parto. A dureza condicionava as escravas a praticarem de abortos a infanticídios, que tinha como meta poupar uma vida de sofrimentos e ferir o domínio do senhor como forma de resistência. Esta visão era compartilhada por Castro Alves que enfatizou que a morte é melhor que a escravidão.

A mulher, em função de seu aparato biológico, desempenha o papel central da reprodução. Embora não explicitado pelo poeta nos poemas analisados, por sua condição feminina, a mulher negra, possui funções singulares dentro da sociedade escravocrata brasileira como, por exemplo, ser ama de leite e objeto sexual.

A relação parental ficou anulada, em decorrência da negação dos negros enquanto seres humanos, dotados de subjetividade, logo seus sentimentos e afeições tornaram-se insignificantes. Embora no poema “Canção do africano” apareça a figura masculina, nenhum homem é identificado como irmão, pai ou

marido das negras, indicando o desmembramento provocado pelo escravismo que impossibilitava, com raras exceções, as relações sociais duradouras.

As escravas retratadas por Castro Alves são humanizadas e sensíveis, sofrem mais em sua maternidade do que em sua condição escrava, demonstrando a empatia pela situação de suas crianças. Como poeta romântico aborda a natureza e a mulher, que às vezes são ambas idealizadas, dissonando da realidade, como no caso da escrava Lucia que foi retratada através de uma perspectiva dos grupos dominantes, que tentam suavizar os procedimentos escravistas. Já em “Saudação a Palmares” a mulher escravizada na senzala é retratada com grande diferença da que vive no quilombo sendo livre. A negra livre despe-se da aura maternal e irradia coragem e beleza.

O grande mérito social de Castro Alves nessa poesia sobre a escravidão foi revelar no ser negro, o humano, que a sociedade escravocrata queria suprimir. A ideologia romântica não poderia mostrar de modo menos apaixonado e vibrante as cenas dramáticas e até macabras da realidade escravista, e Castro Alves ainda menos, pois de todos os escritores desse tempo, foi o que abordou com mais clareza e empenho as condições das mulheres negras escravas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. **Os escravos**. São Paulo: Martins, 1972.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1972.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e escrava**. Petrópolis: Vozes, 1988.

MATTOS, Hebe Maria. **Escravidão e cidadania no Brasil Monárquico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

NABUCO, Joaquim. **A escravidão**. Rio de Janeiro: Batel, 2010.

BRASIL. **Casa Civil**: Lei n^o 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Brasília, 2003.
Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm >.
Acesso em: 19 jun. 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **O canibalismo amoroso**: o desejo e a interdição em nossa cultura através da poesia. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

SILVA, Francisco Pereira da. **Castro Alves**. São Paulo, SP: Três, 2001.